

# Editorial

ESPAÇO #44



## Editorial

Quando propus à Revista Espaço o tema *Teorias e Práticas sobre bilinguismo na educação de surdos* para esse Dossiê foi porque tinha clareza que bilinguismo para surdos é um conceito polissêmico. Baseada em minha experiência de quase quarenta anos lidando com Educação Especial de uma maneira geral e me aprofundando nas questões da educação de surdos há mais de vinte anos, eu quero tocar em dois conceitos principais.

O primeiro é que cada solução implementada tem um caráter provisório, dado que existe uma dinâmica interna em qualquer fenômeno histórico e sociocultural. Assim, o que vivenciamos hoje na educação bilíngue para surdos vem se modificando e continuará se modificando ao longo do tempo. São exemplos as interpretações do Decreto 5626/2005, que levam a entendimentos distintos sobre bilinguismo. Hoje, há sistemas educacionais que entendem o bilinguismo para surdos como o reconhecimento da língua de sinais como língua de instrução e a língua portuguesa como segunda língua da comunidade surda, oferecida apenas na modalidade escrita. Associadas as motivações e os desejos de familiares, o caráter do bilinguismo se amplia. Responsáveis por filhos surdos vêm cada vez mais aderindo à cirurgia de implante coclear, o que amplia a discussão sobre bilinguismo. Há pais que querem apenas o monolinguismo de seus filhos em língua portuguesa, negando a identidade surda.

O segundo conceito é a conveniência de que as duas línguas sejam internalizadas pelos membros da comunidade surda. Alguns se recusam a fazer uso da língua portuguesa, ainda que apenas na modalidade escrita, excluindo, dessa forma, interações significativas com a comunidade majoritária ouvinte. Seria uma forma de vingança pelos sofrimentos historicamente vividos? Enquanto educadores, precisamos aperfeiçoar o bilinguismo e temos falhado, de certa maneira, no desenvolvimento da proficiência em língua portuguesa. Por esse motivo, esse dossiê é composto de sete artigos, três internacionais e quatro nacionais, que nos proporcionam realidades e reflexões distintas. É composto por dois artigos escritos por pesquisadores americanos e um de Portugal.

Os outros quatro trazem reflexões de acadêmicos de diferentes cantos do Brasil: Goiás, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

O primeiro deles, de Luckner e Banerjee, da Universidade do Norte do Colorado, é um estudo teórico que traz os principais conceitos sobre bilinguismo, referindo-se ao usado na educação de surdos como um bilinguismo sequencial. Alertam para os diferentes resultados no bilinguismo para surdos, considerando-se as características individuais de cada sujeito surdo bilíngue. Ressaltam, assim, a diversidade linguística dentro da comunidade surda. Finalizam tecendo considerações sobre a progressiva implementação de implante coclear, onde pais escolhem a modalidade oral auditiva como melhor meio para se comunicarem com seus filhos.

O segundo artigo, de Yoshinaga Itano, Aragon e Beams, também do Colorado, traz diferentes estratégias de um programa de intervenção em residências de crianças surdas que, apesar de viverem nos Estados Unidos, têm o espanhol como primeira língua. 15% de bebês surdos ou hipoacúsicos encontram-se nessa condição. O artigo compara quatro grupos de bebês e crianças pequenas: (a) surdos ou hipoacúsicos de origem espanhola, (b) surdos ou hipoacúsicos americanos, (c) de origem espanhola com desenvolvimento típico e (d) americanos com desenvolvimento típico.

O terceiro, elaborado por Tartuci, analisa as produções de acadêmicos nacionais e enfatiza a necessidade de que a educação infantil se constitua em *locus* de aprendizagem, inclusive para as crianças surdas. Enfatiza a necessidade de se promoverem práticas educativas que se pautem em uma perspectiva bilíngue desde o início.

O próximo artigo, de Lebedeff, apresenta e discute práticas bilíngues em duas escolas para surdos, a americana *Pennsylvania School for the Deaf* e a inglesa *Oak Lodge School*. Sua análise se dá a partir de três dimensões: (a) a língua na/da escola onde, além da leitura de livros em língua de sinais na escola, as famílias também são incentivadas e ensinadas a ler em língua de sinais para seus filhos, (b) uso de tecnologia e práticas bilíngues e (c) a experiência visual característica dos surdos, o que predomina nos projetos das escolas, convertendo inclusive o som em uma possibilidade visual.

O quinto artigo vem do Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Pereira, em Portugal. O autor, Barros, aborda a construção da segunda língua na modalidade escrita em sala de aula, considerando quatro aspectos principais: (a) a distinção entre as modalidades escrita e oral de uma língua falada, (b) a concepção de que alunos surdos aprendem simultaneamente as duas línguas – L1 e L2 em contextos bilíngues, (c) a transmissão do conceito de uso da língua com propósito comunicativo em contextos socioculturais e



(d) o uso de diferentes gêneros textuais como forma de aprender a escrever na língua portuguesa. Para isso, descreve diferentes atividades pedagógicas.

O sexto artigo vem de Brasília, com Salles, Mesquita e Cipriano da Silva, e aborda um problema importante na constituição do letramento do aluno surdo aprendiz da L2: o fenômeno conhecido como interlíngua. Orienta-se pela Teoria da Relevância para analisar a complexidade da língua-alvo – a portuguesa – na compreensão da estrutura de uso e flexão de verbos e preposições.

Para finalizar, o artigo de Kelman, Lage e Almeida fala sobre o bilinguismo para surdos em diferentes níveis de escolarização. Corroborando, Luckner e Banerjee mencionam distintas necessidades educacionais, linguísticas e sociais dos surdos. Mencionam a vantagem na percepção visual de crianças bilíngues sobre as monolíngues, comprovada pela neurociência. Análogo ao texto de Barros, aborda a importância de se trabalharem os diferentes gêneros textuais no aperfeiçoamento do processo de letramento, diminuindo a fase da interlíngua. Lembra a surdopedagogia de Vigotski e as práticas pedagógicas no atendimento educacional especializado em contextos de educação inclusiva para surdos.

As interseções entre os artigos mostram que há convergências no pensamento dos diferentes autores. Mas o que importa mesmo é refletir sobre as divergências perante esse tremendo desafio que é alcançar o sucesso na proficiência da língua portuguesa na modalidade escrita e, em alguns casos, falada.

**Celeste Azulay Kelman**

Professora do Programa de  
Pós-Graduação em Educação – UFRJ.

